

ELIAS CANETTI

Prémio Nobel
de Literatura

A LÍNGUA RESGATADA

História de Uma Juventude

«Uma extraordinária e singular
odisseia cultural.»

Harper's Magazine



cavalo de ferro

Para Georges Canetti, 1911–1971

PRIMEIRA PARTE

RUSE
1905—1911

A Minha Lembrança mais Antiga

A minha lembrança mais antiga está pincelada de vermelho. Saio por uma porta ao colo de uma rapariga, o chão diante de mim é vermelho, e à esquerda há uma escada que desce, vermelha também. Do lado oposto ao nosso, à mesma altura, abre-se uma porta e sai um homem sorridente que vem ao meu encontro de uma forma amigável. Avança mesmo até junto de mim, detém-se e diz-me:

– Mostra-me a língua!

Eu deito a língua de fora, ele leva a mão ao bolso, tira um canivete, abre-o e quase encosta a lâmina à minha língua. Diz:

– Agora vamos cortar-te a língua.

Eu não tenho coragem de meter a língua para dentro, ele aproxima-se cada vez mais, está quase a tocar-me com a lâmina. No último momento afasta a faca, diz:

– Hoje ainda não, amanhã.

Fecha novamente o canivete e mete-o no bolso.

Todas as manhãs saímos pela porta para o corredor vermelho, a porta abre-se e aparece o homem sorridente. Já sei o que vai dizer e fico à espera da ordem para mostrar a língua. Sei que ma vai cortar e tenho cada vez mais medo. Começa assim o dia, e isto acontece muitas vezes.

Guardo isto para mim e só muito mais tarde interrogo a mãe sobre o assunto. Pela descrição do vermelho omnipresente, ela reconhece a pensão em Karlsbad, onde passou comigo e com o pai o Verão de 1907. Para cuidar de mim, um rapazinho de dois anos, tinham trazido da Bulgária uma ama-seca que nem quinze anos tinha. Costuma sair de manhãzinha cedo com a criança ao colo, só fala búlgaro, mas faz-se entender perfeitamente na animada Karlsbad e regressa sempre a horas com a criança. Uma vez vêem-na na rua com um jovem desconhecido, ela não sabe dizer nada sobre ele, um encontro ocasional.

Passadas umas semanas vem a saber-se que o jovem mora num quarto em frente ao nosso, do outro lado do corredor. A rapariga vai muitas vezes ter com ele à noite, de fugida. Os meus pais sentem-se responsáveis por ela e mandam-na imediatamente de volta para a Bulgária.

A rapariga e o jovem saíam ambos muito cedo de casa, deve ter sido então que se conheceram, deve ter começado assim. A ameaça com a faca surtiu efeito, a criança manteve-se calada durante dez anos.

Orgulho de Família

Situada no baixo Danúbio, Ruse, a cidade onde vim ao mundo, era maravilhosa para uma criança, e se digo que fica na Bulgária estou a dar dela uma imagem redutora, pois viviam lá pessoas das mais diversas origens – por vezes, num só dia, ouviam-se sete ou oito línguas. Além dos búlgaros, que eram muitas vezes gente das aldeias, havia ainda muitos turcos, que habitavam num bairro só deles, e junto deste ficava o bairro dos sefarditas – o nosso. Havia gregos, albaneses, arménios, ciganos. Da margem oposta do Danúbio vinham romenos; a minha ama, da qual já não me recordo, era romena. Havia também russos, mas eram raros.

Em criança, não tinha a noção desta multiplicidade, mas apercebia-me constantemente dos seus efeitos. Houve muitas figuras que me ficaram na memória simplesmente por pertencerem a uma determinada etnia e se diferenciarem das outras pelo traje. Dos criados que tivemos em casa no decorrer desses seis anos, houve uma quirguiz e posteriormente um arménio. A melhor amiga da minha mãe era uma russa chamada Olga. Uma vez por semana, entravam ciganos no nosso pátio, tantos que me pareciam um povo inteiro – e ainda haveremos de falar sobre o medo que me impunham.

Ruse era um antigo porto do Danúbio e, como tal, tinha uma certa importância. Como porto, atraía gente de toda a parte, e o rio era um assunto sempre presente. Havia histórias sobre os anos excepcionais em que o Danúbio gelava; de viagens de trenó

sobre o gelo até ao outro lado da fronteira, à Roménia; de lobos famintos que se atiravam aos cavalos dos trenós.

Os lobos foram os primeiros animais selvagens de que ouvi falar. Nas lendas que as aldeãs búlgaras me contavam entravam lobisomens; e o meu pai apavorou-me uma noite ao surgir com uma máscara lupina na cara.

Muito dificilmente conseguirei dar uma imagem fiel do colorido destes primeiros anos em Ruse, das suas paixões e dos seus pavores. Tudo aquilo por que mais tarde vim a passar já me acontecera em Ruse. Ali, o resto do mundo chamava-se Europa, e quando alguém subia o Danúbio até Viena, dizia-se que ia à Europa. A Europa começava onde o império turco tinha outrora acabado. Os sefarditas eram, na sua maioria, ainda cidadãos turcos. Tinham-se dado sempre bem sob o domínio dos turcos, melhor do que os cristão eslavos dos Balcãs. Mas como muitos dos sefarditas eram comerciantes prósperos, o novo regime búlgaro mantinha com eles boas relações, e Fernando, o rei que teve um longo reinado, tinha fama de ser amigo dos judeus.

As lealdades dos sefarditas eram, em certa medida, complicadas. Eram judeus devotos, para quem a vida comunitária tinha um significado especial. Ainda que sem fervores exagerados, o comunitarismo era para eles o ponto fulcral da sua existência. Consideravam-se, porém, judeus de uma espécie diferente, e isso tinha a ver com a sua tradição hispânica. No decorrer dos séculos, desde a sua expulsão, o espanhol que falavam entre si alterara-se muito pouco. Receberam na sua língua algumas palavras turcas, mas eram reconhecidas como tal e tinham quase sempre sinónimos em espanhol. As primeiras canções infantis que ouvi eram espanholas, ouvi também «romances» espanhóis antigos; no entanto, o que era mais forte e irresistível era a mentalidade hispânica. Com uma arrogância ingénua, olhava-se de alto para os outros judeus; havia uma palavra que vinha sempre carregada de desprezo, soava como «todesco» e significava judeu alemão ou asquenaze. Seria impensável casar com uma «todesca» e, entre as muitas famílias sobre as quais, em criança, eu ouvia falar ou conhecia em Ruse, não me recorde de nenhum caso de um casamento misto. Ainda eu não tinha seis anos e já o meu avô me prevenia contra uma tal futura aliança.

Mas não se fazia apenas uma discriminação generalizada. Mesmo entre os sefarditas havia as «boas famílias», como se definia as que já eram ricas há muito tempo. O maior elogio que se podia ouvir sobre alguém era «es de buena familia», ou seja, de boas famílias. Ouvi a mãe dizer isto tantas vezes que chegava a enfasiar-me. Na altura em que andava entusiasmada com o Burgtheater [Teatro Imperial de Viena], e lia Shakespeare comigo, e até mesmo muito tempo depois, quando falava de Strindberg, que se tornara o seu autor predilecto, não tinha qualquer pejo em se afirmar de boas famílias, que não havia melhor. Ela, que fizera do seu conhecimento da literatura das grandes línguas europeias o conteúdo da sua própria vida, não sentia qualquer contradição entre esta universalidade apaixonada e o altivo orgulho de família que continuamente alimentava.

Mesmo numa altura em que eu estava ainda completamente dependente dela — foi ela quem me abriu todas as portas do espírito, e eu seguia-a às cegas e maravilhado —, apercebi-me desta contradição, que me amargurava e me confundia, e em inúmeras conversas, nesse período da minha juventude, falei-lhe nisso e fiz-lho ver, mas tal não surtiu nela o mínimo efeito. O seu orgulho cedo encontrou canais próprios que seguia sem se enganar, mas, no meu caso, esta estreiteza que não compreendia nela vacinou-me logo contra qualquer orgulho genealógico. Não consigo levar a sério pessoas com orgulho de casta, seja de que tipo for, vejo-as como animais exóticos, mas um tanto ridículas. Dou por mim com o preconceito inverso, ou seja, contra pessoas que de algum modo se orgulham da sua origem nobre. Com os poucos aristocratas de quem era amigo, tinha primeiro de ultrapassar o facto de eles falarem disso — e, tivessem eles adivinhado o esforço que eu fazia, de imediato dispensariam a minha amizade. Todo o preconceito é determinado por outros preconceitos, e os mais frequentes são os que derivam dos seus contrários.

Acrescente-se a isto o facto de a casta em que a minha mãe se incluía, já por si de origem espanhola, ser a do dinheiro. Na minha família, e principalmente na dela, eu via o que acontecia às pessoas por causa do dinheiro. Para mim, as piores eram as que se dedicavam com mais empenho ao dinheiro. Aprendi

a conhecer todas as fases, desde a cobiça à mania da perseguição. Vi irmãos que pela sua ganância se afundaram mutuamente em processos que duraram anos e anos, e que continuaram o litígio quando já não havia dinheiro. E, no entanto, pertenciam à mesma «boa família» da qual a minha mãe tanto se orgulhava. Ela própria era testemunha dessas lutas, falávamos muitas vezes disso. Era de uma inteligência penetrante; o seu conhecimento da humanidade tinha sido formado nas grandes obras da literatura universal e também na experiência da sua própria vida. Reconhecia os motivos da autodestruição demencial em que a família estava empenhada; teria com toda a facilidade conseguido escrever um romance sobre isso: todavia, o seu orgulho nessa mesma família mantinha-se inabalável. Se tivesse sido por amor, eu teria compreendido de bom grado. Mas ela nem sequer gostava de muitos dos protagonistas: havia vários que a punham fora de si, por outros não sentia senão desprezo, mas pela família como um todo sentia somente orgulho.

Mais tarde, reconheci que, transportado para as relações mais amplas da humanidade, sou exactamente como ela. Passei a melhor parte da minha vida no encaço do ser humano e das suas artimanhas, tal como surgem nas civilizações históricas. Analisei e dissequei o poder de uma forma tão desapiedada como a minha mãe fez com os processos da sua família. São poucos os males que não atribuo ao homem e à humanidade. E, no entanto, o meu orgulho neles continua a ser tão grande que só há uma coisa que odeio verdadeiramente: o seu inimigo, a morte.

Kako la Gallinica Lobos e Lobisomens

Uma palavra arrebatada, e ao mesmo tempo terna, que eu ouvia muitas vezes era «la butica». Era assim que chamavam à loja, ao negócio no qual o avô e os filhos passavam os dias. Levavam-me lá poucas vezes, pois ainda era muito pequeno. Ficava numa rua íngreme, que descia a direito desde o alto do bairro rico de Ruse até ao porto. Nesta rua estavam todas as lojas mais importantes; a do avô ocupava um prédio de três andares que me parecia alto

e imponente porque as moradias no topo da colina eram todas de um só andar. Na «butica» vendiam-se mercadorias coloniais por grosso, era uma loja espaçosa, onde cheirava que era uma maravilha. Pousadas no chão, havia grandes sacas com diferentes variedades de cereais, abertas, com painço, com cevada e com arroz. Eu tinha autorização para enfiar as mãos lá dentro, se estivessem lavadas, e sentir os grãos. Era uma sensação agradável: enchia a mão de grãos, levantava-a bem alto e deixava os grãos escorrer outra vez para baixo devagarinho; fazia isso muitas vezes e, embora existissem muitas outras coisas interessantes na loja, isso era o que eu mais gostava de fazer, ao ponto de ser difícil convencerem-me a sair de junto das sacas. Havia chá, café e, em especial, chocolate. Tudo em grandes quantidades e em belas embalagens; não se vendia a retalho como nas lojas vulgares, e era por isso também que as sacas abertas no chão me agradavam particularmente, porque não eram demasiado grandes para mim e, ao enfiar a mão lá dentro, podia sentir os grãos, que era o que me interessava.

A maioria das coisas era comestível, mas nem todas. Havia fósforos, sabonetes e velas. Também era possível encontrar facas, tesouras, pedras de amolar, foices e gadanhas. Os camponeses que vinham das aldeias fazer compras ficavam um ror de tempo diante delas e experimentavam-lhes o fio com os dedos. Eu olhava-os com curiosidade e um pouco de medo – estava proibido de tocar em facas. Uma vez, um camponês, que engraçou com a minha cara, agarrou-me no polegar, pô-lo ao lado do dele e mostrou-me como a sua pele era dura. Mas nunca me ofereceram sequer um chocolate; o avô, que estava sentado lá atrás num gabinete, mantinha um regime severo, e para ele tudo era para vender por grosso. Em casa, dava-me provas da sua afeição porque eu tinha o seu nome completo, o nome próprio também. Mas não mostrava especial gosto em ver-me na loja, e nunca me deixava ficar muito tempo. Sempre que dava uma ordem, o empregado que a recebia saía disparado para a cumprir, e um deles levava muitas vezes embrulhos. A pessoa da loja de quem eu mais gostava era um senhor de idade, magro, vestido com roupa modesta, que estava sempre a sorrir com um ar distraído. Movia-se de forma insegura e assarapantava-se quando

o meu avô dizia qualquer coisa. Parecia estar sempre a sonhar e era completamente diferente dos outros. Tinha sempre uma palavra amiga para me dar, falava de uma maneira tão vaga que eu não o percebia, mas tinha a sensação de que gostava de mim. Chamava-se Tschelebon e, como era um parente pobre e irremediavelmente incapaz, tinham-no empregado por compaixão. Estava sempre a ouvir chamar pelo Tschelebon como quem chama por um criado, por isso ficou-me na memória, e só muito mais tarde vim a saber que ele era irmão do avô.

A rua em frente do portão grande da nossa quinta era poeirenta e ensonada. Quando chovia muito, transformava-se num lamaçal onde os coches deixavam sulcos profundos. Eu não tinha autorização para brincar na rua, a nossa quinta era segura e tinha espaço mais do que suficiente. Mas às vezes eu ouvia do lado de fora um cacarejo impetuoso, que rapidamente subia em força e excitação. Pouco depois um homem vestido com roupa preta esfarrapada precipitava-se, a cacarejar e a tremer de medo, portão adentro, para fugir aos catraios da rua. Vinham todos atrás dele a gritar «Kako! Kako!» e cacarejavam como galinhas. Ele tinha medo de galinhas e era por isso que o perseguiam. Estava alguns passos à frente deles e diante dos meus olhos transformava-se mesmo num frango. Punha-se a cacarejar com força, mas perfeitamente apavorado, e fazia movimentos adejantes com os braços. Lançava-se sem fôlego pelas escadas da casa do avô acima, mas não tinha coragem de entrar, e descia num salto para o outro lado e ficava estendido no chão, sem se mexer. Os catraios continuavam a cacarejar junto ao portão, sabiam que não os deixavam entrar na quinta. Quando o viam estendido no chão como morto, acabavam por se assustar e afastavam-se. Mas em breve soava lá de fora o seu canto de vitória: «Kako la gallinica! Kako la gallinica!» – «Kako, o franganito! Kako, o franganito!» Enquanto cantavam, Kako ficava estendido no chão, sem se mexer. Mal eles deixavam de se ouvir, levantava-se, passava as mãos pelo corpo, olhava em volta, cauteloso, punha-se ainda um bocado à escuta com medo e então, todo curvado, mas sem fazer barulho, esgueirava-se para fora da

quinta. Agora já não era galinha nenhuma, não adejava nem cacarejava, e era novamente o malogrado tontinho do bairro.

Às vezes, quando os miúdos andavam ali por perto a espreitar, aquele jogo sinistro recomeçava. Na maior parte dos casos mudava-se para outra rua e eu já não via mais nada. É possível que eu tenha tido pena de Kako, assustava-me sempre quando ele dava aquele salto, mas aquilo a que eu nunca me habituava, aquilo que observava sempre com a mesma excitação, era a sua transformação numa gigantesca galinha preta. Não percebia porque é que os garotos o perseguiam, e quando ele, depois do salto, ficava estendido no chão, eu receava que ele não se levantasse e nunca mais se transformasse numa galinha.

O Danúbio é muito largo no seu curso inferior, onde banha a Bulgária. Giurgiu, a cidade na margem oposta, pertence à Roménia. Foi daí, disseram, que veio a ama que me alimentou com o seu leite. Deve ter sido uma mulher forte e saudável, e amamentou ao mesmo tempo o seu próprio filho, que trouxe consigo. Ouvi sempre gabar-lhe a fama, e embora não consiga lembrar-me dela, a palavra «romeno» conservou para mim, por causa dela, um tom doce.

Houve anos, raros, em que o Danúbio gelou completamente no Inverno, e contavam-se sobre isso histórias apaixonantes. A mãe, quando era nova, ia muitas vezes de trenó ao outro lado, à Roménia; uma vez mostrou-me as peles quentes com que se embrulhava nessa altura. Quando fazia mesmo muito frio, os lobos desciam dos montes e, esfomeados, atiravam-se aos cavalos que puxavam os trenós. O cocheiro tentava afastá-los à chicotada, mas não adiantava e era preciso disparar sobre eles. Numa viagem dessas perceberam, demasiado tarde, que não tinham trazido nenhuma arma de fogo. Era para ter vindo a acompanhá-los um quirguize armado, que vivia lá em casa como criado, mas tinha-se demorado e o cocheiro partira sem ele. Estavam a ter dificuldade em defender-se dos lobos e corriam um grande perigo. Se não tivesse por acaso aparecido um trenó com dois homens que mataram a tiro um dos lobos e puseram os outros em fuga, podia ter acabado tudo muito mal. A mãe tinha passado por um grande susto; descrevia as línguas vermelhas dos lobos, tinham-se

aproximado tanto que ela, passados muitos anos, ainda sonhava com eles.

Eu estava sempre a pedir-lhe que me contasse essa história e ela fazia-o com todo o gosto. Assim, os lobos foram os animais selvagens que primeiro povoaram a minha fantasia. O medo que eu tinha deles nutriu-se das histórias que me contavam as raparigas búlgaras da aldeia. Havia sempre cinco, seis a viver connosco em casa. Eram novinhas, talvez dez ou doze anos, e tinham sido trazidas pelas famílias da aldeia para a cidade, onde as punham a servir como criadas nas casas dos burgueses. Andavam descalças pela casa e estavam sempre bem-dispostas, não tinham muito que fazer e o pouco que tinham faziam-no juntas; foram as minhas primeiras companheiras de brincadeira.

À noite, quando os meus pais saíam, ficava em casa com elas. A todo o comprimento das paredes da grande sala de estar havia uns sofás turcos, baixinhos. Além dos tapetes, que estavam por todo o lado, e de umas mesas pequenas, eram os únicos móveis permanentes de que eu me lembro desta sala. Assim que escurecia, as raparigas ficavam com medo. Aninhávamo-nos todos bem apertadinhos em cima de um dos sofás que ficava junto à janela; eu ficava no meio, e começavam então a contar as histórias de lobisomens e de vampiros. Mal acabava uma, começava outra; era horripilante, e, no entanto, eu, apertadinho entra as raparigas, sentia-me bem. Tanto era o medo que ninguém tinha coragem de se levantar, e quando os pais chegavam a casa, encontravam-nos todos amontoados, a tremer como varas verdes.

Das histórias que ouvi contar, só as de lobisomens e vampiros me ficaram na memória. Provavelmente não se contavam mais nenhuma. Não posso pegar num livro com lendas dos Balcãs sem reconhecer imediatamente muitas delas. Tenho-as presentes em todos os pormenores, mas não na língua em que as ouvi. Ouvi-as em búlgaro, mas conheço-as em alemão, esta tradução misteriosa é talvez o mais curioso de tudo o que tenho para contar da minha juventude e, como o destino linguístico da maior parte das crianças se processa de outra maneira, se calhar eu devia dizer alguma coisa sobre isso.

Os meus pais falavam alemão entre si quando queriam que eu não os entendesse. Connosco, crianças, e com todos os familiares

e amigos falavam espanhol. Esta era a verdadeira língua corrente, ainda que fosse um espanhol arcaico, que mais tarde ouvi muitas vezes e nunca desaprendi. As raparigas da aldeia que viviam lá em casa só falavam búlgaro, e foi fundamentalmente com elas que o aprendi também. Mas como nunca andei numa escola búlgara e saí de Ruse aos seis anos, em breve acabei por esquecê-lo completamente. Todos os eventos desses primeiros anos aconteceram em espanhol ou em búlgaro. Traduziram-se-me mais tarde na sua maioria para alemão. Só acontecimentos com um teor dramático especial, crimes e homicídios, por assim dizer, e os grandes sustos, me ficaram em espanhol, porventura na sua expressão mais exacta e indestrutível. Tudo o resto, portanto, a maioria, e muito em especial tudo o que era búlgaro, como as lendas, tenho-o na cabeça em alemão.

Como isto aconteceu exactamente, não sou capaz de dizer. Não sei em que momento nem em que circunstâncias isto ou aquilo se traduziu. Nunca procurei ir ao fundo da questão, se calhar tinha um certo receio de destruir, por meio de uma investigação metódica e conduzida por princípios rígidos, o mais precioso de tudo o que trago na memória. Só posso dizer com segurança uma coisa: os acontecimentos desses anos estão presentes em mim com toda a força e vigor — há mais de sessenta anos que me nutro deles —, mas na sua grande maioria estão ligados a palavras que eu na altura não conhecia. Parece-me natural que eu as passe para o papel agora, não fico com a sensação de estar com isso a alterar ou a retirar nada. Não é como a tradução literária de um livro de uma língua para outra; é antes uma tradução que se consumou por si só, no inconsciente, e como eu aliás evito como a peste essa palavra, que pelo uso excessivo deixou de querer dizer alguma coisa, espero que deixem passar o uso que dela faço neste caso único.

O Machado do Arménio Os Ciganos

Não tenho gosto pelo desenho topográfico a que Stendhal se entrega com mão leve no seu *Henry Brulard* e para minha grande pena fui sempre um mau desenhador. Por isso sou obrigado

a descrever resumidamente a maneira como se distribuíam as casas de habitação na nossa quinta em Ruse.

Quando, vindo da rua, se chegava ao pátio através do grande portão, logo à direita ficava a casa do avô Canetti. Tinha um ar mais imponente do que as outras, também por ser a mais alta. Mas não sei dizer se tinha um andar em cima ou não, ao contrário das outras casas só de um piso. Dava para todos os efeitos a impressão de ser mais alta, porque havia mais degraus para chegar até lá acima. Era também mais luminosa do que as outras casas, talvez estivesse pintada de uma cor clara.

Em frente a esta, do lado esquerdo do portão, ficava a casa onde vivia a irmã mais velha do meu pai, a tia Sophie, com o marido, o tio Nathan. Ele tinha Eljakim por apelido, um nome que nunca me agradou; provavelmente estranhava-o por não ter um timbre espanhol como todos os outros apelidos. Tinham três filhos, a Régine, o Jacques e a Laurica. Esta última, a mais nova, era ainda assim quatro anos mais velha do que eu, uma diferença de idades que acabou por ser um mau augúrio.

Junto desta, no mesmo alinhamento, também do lado esquerdo da quinta, ficava a nossa casa, que era igualzinha à do tio. Chegava-se a ambas subindo alguns degraus, que terminavam numa plataforma comum, a toda a largura das duas casas.

O pátio ajardinado entre as três casas era muito grande, e em frente a nós, não no meio, antes um pouco desviado para o lado, ficava o poço da água. Não dava que chegasse, e a maior parte da água vinha do Danúbio em pipas enormes que eram puxadas por mulas. A água do Danúbio não se podia usar sem ser fervida primeiro e ficava depois a arrefecer em grandes caldeiras na plataforma em frente à casa.

Atrás do poço e separado da quinta por uma sebe de arbustos ficava o pomar. Não era especialmente bonito, era demasiado regular, talvez fosse demasiado jovem, havia pomares muito mais bonitos em casa dos nossos parentes do lado da mãe.

Entrava-se para a nossa casa pela parte mais estreita do grande pátio ajardinado. A casa estendia-se depois bastante lá para trás, e embora tivesse só este rés-do-chão, recordo-a como muito espaçosa. Pela parte mais distante do jardim podia

circundar-se toda a casa e chegava-se a um pequeno pátio para onde dava a porta da cozinha. Era ali que estava a lenha para rachar, frangos e gansos andavam por ali a correr. A cozinha, de porta aberta, estava sempre em funções, a cozinheira trazia coisas para fora ou ia buscar coisas para dentro, e a meia dúzia de miúdas saltitava por ali, ocupada.

Neste pátio da cozinha estava frequentemente um criado que rachava lenha, e é de quem me lembro melhor; era meu amigo, o arménio triste. Enquanto rachava lenha cantava canções que, embora eu não as percebesse, me despedaçavam ainda assim o coração. Quando perguntei à minha mãe por que razão era ele tão triste, ela disse-me que uns homens maus tinham querido matar todos os arménios em Istambul, e ele tinha perdido então a sua família. De um esconderijo chegara a ver como lhe tinham matado a irmã. A seguir tinha fugido para a Bulgária e o meu pai trouxera-o para nossa casa por pena. Agora, sempre que rachava lenha, não conseguia deixar de pensar na irmãzinha, e era por isso que cantava estas canções tristes.

Eu tinha por ele um afecto profundo. Sempre que ele estava a rachar lenha, eu punha-me em pé em cima do sofá que estava ao fundo da comprida sala de estar, onde havia uma janela que dava para o pátio da cozinha. Debruçava-me da janela e ficava a vê-lo, e sempre que ele cantava eu pensava na irmã dele – nesses momentos ficava sempre com vontade de ter uma irmãzinha. Ele tinha um bigode preto comprido e cabelos negros como breu e eu achava-o enorme, se calhar porque o via sempre a levantar o braço no ar com o machado. Gostava ainda mais dele do que do servente da loja, o Tschelbon, que eu no fundo só muito raramente via. Díziamos algumas palavras um ao outro, mas poucas, e não sei em que língua. Mas ele esperava por mim antes de começar a rachar a lenha. Assim que me via, esboçava um leve sorriso e levantava o machado, e era terrível a raiva com que se atirava à lenha. Depois sobrevinha o ar sombrio e punha-se a cantar as canções dele. Quando pousava o machado, sorria para mim outra vez e eu esperava pelo seu sorriso como ele por mim, esse primeiro exilado que conheci na vida.

Todas as sextas-feiras vinham os ciganos. À sexta-feira, nas casas judaicas, preparava-se tudo para o sabat. A casa era lavada de cima a baixo, as raparigas búlgaras corriam de lá para cá, na cozinha era grande a azáfama, ninguém tinha tempo para mim. Eu estava sempre sozinho e, com a cara colada à janela da enorme sala de estar que dava para o jardim, ficava à espera dos ciganos. Vivia com um medo pavoroso deles. Suponho que tenham sido as raparigas que, nas longas e escuras noites que passámos em cima do sofá, me falaram dos ciganos. Achava que eles raptavam crianças e estava convencido de que tinham em vista fazer isso comigo.

Mas apesar deste medo, nunca teria deixado fugir a oportunidade de os contemplar; era magnificente o espectáculo que proporcionavam. O portão da quinta era aberto de par em par, pois precisavam de espaço. Vinham como uma tribo inteira; no meio, soerguido, um patriarca cego, o bisavô, como me disseram, um velho bonito, de cabelos brancos, avançava muito devagar, amparado à direita e à esquerda por duas netas, vestido de trapos coloridos. À volta dele, apertados uns contra os outros, havia ciganos de todas as idades, muito poucos homens, quase tudo mulheres, e inúmeras crianças, umas pequeninas ao colo das mães; outras andavam aos saltos por ali, mas não se afastavam muito do velho ufanoso, que continuava sempre a ser o centro. Todo aquele cortejo compacto tinha um ar inquietante, eu nunca vira, senão ali, tanta gente a avançar de tal modo junta e ao mesmo tempo; e nesta cidade tão colorida era o mais colorido que havia. Os trapos que lhes serviam de roupa brilhavam com todas as cores, mas a que mais sobressaía era a vermelha. Muitos deles traziam sacos ao ombro, e eu não podia olhar para eles sem imaginar que continham crianças roubadas.

Estes ciganos pareciam-me incontáveis, mas quando agora tento avaliar a imagem que tenho deles pelo seu número, diria que não eram mais do que trinta ou quarenta pessoas. Afinal eu nunca tinha visto tanta gente no pátio grande e, como, por causa do velho, eles avançavam tão devagar, ficava com a impressão de que o enchiam durante um tempo infindo. Mas não era ali que eles ficavam, davam a volta à casa e seguiam para o pátio mais

pequeno em frente à cozinha, onde estava também empilhada a lenha, e por lá assentavam.

Eu costumava esperar pelo momento em que eles começavam a aparecer ao portão da frente e assim que vislumbra o velho cego, desatava a correr pela comprida sala de estar fora e pelo corredor ainda mais longo que ligava à cozinha lá atrás, aos berros estridentes de «Zinganas! Zinganas!». Lá estava a mãe, a dar as ordens para os pratos do sabat, muitas das iguarias especiais era ela própria que as preparava. Para as rapariguinhas, que eu encontrava frequentemente no caminho, eu nem olhava; continuava sempre aos gritos até chegar junto da mãe, que me dizia qualquer coisa para me acalmar. Mas em vez de ficar junto a ela, eu fazia outra vez a correr todo o caminho inverso, espreitava pela janela para ver o adiantado dos ciganos, que já vinham um pouco mais à frente, e voltava logo à cozinha para passar a informação. Queria vê-los, estava obcecado por eles, mas mal lhes punha a vista em cima, o medo de que eles estivessem de olho em mim invadia-me de novo e eu fugia de lá aos gritos. Isto continuava durante um certo tempo, e é por essa razão que eu tenho uma imagem tão nítida da extensão da casa entre os dois pátios.

Assim que tivessem todos chegado à meta, em frente à cozinha, o velho sentava-se, os outros agrupavam-se à volta dele, abriam-se os sacos, e as mulheres, sem altercarem umas com as outras, aceitavam as dádivas. Recebiam grandes achas de madeira tiradas do monte da lenha, muito apreciadas, e muita comida. Recebiam um pouco de tudo o que se tinha preparado; nunca lhes davam restos. Eu ficava aliviado quando via que eles não traziam criança nenhuma nos sacos e andava pelo meio deles, protegido pela minha mãe; examinava-os com toda a atenção, mas tinha o cuidado de não me chegar muito às mulheres, que queriam fazer-me festas. O velho cego comia de um prato, devagar, descansado, e dava tempo ao tempo. Os outros não tocavam em comida, desaparecia tudo para dentro dos sacos, e só as crianças tinham autorização para morder os doces que lhes tinham sido dados. Eu ficava espantado por ver como eles eram amigos dos filhos; nada que se parecesse com maldosos raptos de crianças. Mas isso não alterava em nada o medo que eu tinha deles. Depois de algum tempo, que a mim parecia

uma eternidade, abalavam; o cortejo movia-se um pouco mais depressa do que à chegada, davam a volta à casa e voltavam a sair pelo portão. Eu observava-os da mesma janela até que eles atravessassem o portão. Então voltava pela última vez a correr à cozinha, anunciava:

– Os ciganos já foram embora.

O nosso criado vinha buscar-me pela mão, levava-me ao portão, trancava-o e dizia:

– Agora já não vêm mais.

Excepto nestas alturas, o portão da quinta ficava aberto durante o dia, mas nas sextas-feiras fechavam-no, e assim se por acaso aparecesse outro grupo de ciganos, ficava a saber que a sua gente já tinha estado ali, e seguia o seu caminho.

O Nascimento do Meu Irmão

Nos primeiros tempos, quando ainda me sentavam numa cadeira alta de criança, o chão parecia estar muito longe e eu tinha medo de cair. Quando nos vinha visitar, o tio Bucco, o irmão mais velho do meu pai, içava-me da cadeira e punha-me no chão. A seguir fazia uma cara solene, pousava-me a palma da mão em cima da cabeça e dizia: «Yo ti bendigo, Eliachicu, Amen!» – «Eu te abençoo, pequeno Elias, Ámen!» Dizia isto com muita ênfase, agradava-me aquele tom solene; acho que ficava com a impressão de ser maior quando ele me benzia. Mas ele era um brincalhão e daí a nada já se estava a rir; então eu percebia que ele tinha estado a gozar comigo, e o grande momento da bênção, no qual eu caía sempre, acabava em humilhação.

Este tio repetia tudo o que fazia vezes sem conta. Ensinou-me muitas cantigas e não descansava enquanto eu não as soubesse de cor. Quando voltava a visitar-nos, perguntava-me por elas e treinava comigo, cheio de paciência, para eu me poder exibir diante dos adultos. Eu esperava pela sua bênção, embora ele desse cabo dela logo a seguir; se tivesse sabido conter-se melhor teria sido o meu tio preferido. Morava em Varna, onde geria uma filial do negócio do avô, e só vinha a Ruse nos feriados e em ocasiões especiais. Falava-se dele com respeito, porque era

o «Bucco», título honorífico do filho primogénito de cada família. Aprendi cedo o que significava ser o primogénito, e se tivesse ficado em Ruse ter-me-ia também tornado um «Bucco».

Durante quatro anos fui filho único, e durante este tempo usava vestidos como uma menina. Ansiava por vestir calças como um rapaz e mandavam-me sempre esperar. Então veio ao mundo o meu irmão Nissim, e nessa ocasião deixaram-me vestir as minhas primeiras calças. Tudo o que aconteceu nessa altura foi vivido por mim com grande orgulho, de calças vestidas, e foi por este motivo que reparei nos pormenores todos.

Havia muita gente em nossa casa, e vi caras assustadas. Não me deixavam ir ter com a mãe ao quarto, onde estava aliás a minha caminha, e eu andava a rondar a porta para ver se a via quando alguém entrasse. Mas as pessoas fechavam a porta rapidamente, de modo que não cheguei a ver-lhe a cara. Ouvia uma voz gemebunda, que eu não conhecia, e quando perguntei quem era, disseram-me: «Vai-te embora!» Nunca tinha visto os adultos tão cheios de medo, e ninguém me dava atenção, coisa a que não estava habituado. (Foi, como mais tarde vim a saber, um parto demorado e difícil e recebeu-se pela vida da mãe.) Estava lá o Doutor Menachemoff, o médico das longas barbas negras, e nem ele, que noutras alturas era tão simpático e me pedia que cantasse algumas cantiguinhas pelas quais me elogiava, tinha para mim um único olhar, nem sequer uma palavra, e deitava-me olhares furibundos sempre que me encontrava junto da porta. As queixas tornaram-se mais audíveis, eu ouvia: «Madre mia querida! Madre mia querida!» Encostei a cabeça à porta, quando esta se abriu os gritos soavam tão alto que entrei em pânico. De repente percebi que vinham da minha mãe e eram tão medonhos que já não tive vontade de a ver.

Finalmente deixaram-me entrar no quarto, toda a gente sorria, o pai ria-se, e levaram-me a ver o meu irmão pequenino. A mãe estava deitada, branca e sem se mexer. O Doutor Menachemoff disse: «Precisa de sossego!» Mas sossego era coisa que não havia. Andavam mulheres estranhas pela sala, agora já toda a gente me dava atenção, animavam-me, e a avó Arditti, que raramente vinha a nossa casa, disse: «Já está muito melhor!» A mãe não

dizia nada. Eu estava com medo dela e fui lá para fora e não voltei para o pé da porta. Muito tempo depois ainda estranhava a mãe e levei meses a ganhar confiança nela.

Aquilo que vejo a seguir é a cerimônia da circuncisão. Vieram muitas mais pessoas a nossa casa. Deixaram-me ver a circuncisão. Tenho a impressão de que me levaram de propósito, as portas estavam todas abertas, inclusive as portas da rua; na enorme sala de estar estava posta uma mesa grande para os convidados e numa outra sala, que ficava em frente ao quarto, teve lugar a circuncisão propriamente dita. Só estavam presentes os homens, todos de pé. Seguraram o irmão minúsculo por cima de uma bacia, vi a faca e vi sobretudo muito sangue a pingar para dentro da bacia.

Chamaram ao meu irmão Nissim, que era o nome do pai da minha mãe, e explicaram-me que eu era o mais velho e por isso tinha o nome do meu avô paterno. A posição de filho mais velho foi de tal modo posta em destaque que a partir desta circuncisão eu tomei consciência dela e nunca mais me desembarcei desse orgulho.

À mesa toda a gente continuou bem-disposta, e eu levei as calças a desfilarem. Não descansei enquanto cada um dos convidados não as tivesse visto, e quando chegavam convidados novos, eu ia a correr até à porta e ficava expectante em frente deles. Era um permanente entra-e-sai, e quando toda a gente estava presente, deu-se pela falta do primo Jacques, da casa contígua. «Saiu de bicicleta», disse alguém, e criticaram-lhe o comportamento. Ele chegou no final da refeição, coberto de pó. Eu vi-o a saltar da bicicleta em frente de casa, era oito anos mais velho do que eu e trazia vestido um uniforme do liceu. Explicou-me a sua nova preciosidade, a bicicleta que tinha acabado de receber de presente. De seguida tentou esgueirar-se para dentro de casa pelo meio dos convidados, sem se fazer notar, mas eu desatei aos berros dizendo que também queria uma bicicleta; a tia Sophie, a mãe dele, veio a correr repreendê-lo. Ele ameaçou-me com o dedo e desapareceu outra vez.

Nesse dia tomei ainda consciência de que se deve comer com a boca fechada. A Régine, irmã do proprietário da bicicleta, metia nozes à boca, e eu estava à frente dela, pregado ao chão, a vê-la mastigar com a boca fechada. Demorou algum tempo, mas

quando acabou explicou-me que eu agora também tinha de fazer o mesmo, senão enfiavam-me outra vez num vestido. Devo ter aprendido num instante, pois não queria por nada deste mundo deixar de usar calças.

A Casa do Turco Os Dois Avôs

Levavam-me muitas vezes a casa do avô Canetti, quando ele estava na loja, para apresentar os meus cumprimentos à avó. Sentada no sofá turco, ela fumava e bebia chá preto. Estava sempre em casa, nunca saía, não me lembro de alguma vez a ter visto fora de casa. Chamava-se Laura e era, como o avô, de Adrianópolis. Ele chamava-lhe «Oro», o que queria dizer mesmo ouro, nome que eu nunca percebi. De todos os familiares foi a que se manteve mais turca. Nunca se levantava do sofá, fiquei sempre sem saber como é que chegava lá, pois nunca a vi caminhar, e ia suspirando e bebendo mais uma taça de café e fumando. Recebia-me com um lamento e despedia-se de mim, sem me ter dito nada, a gemer. Para o acompanhante que me levava lá, tinha algumas frases lamurientas. Provavelmente achava que estava doente, se calhar estava, mas o que é certo é que, à moda oriental, era muito preguiçosa, e devia passar um mau bocado com o avô e o seu viver endemoninhado.

O que eu ainda não sabia na altura era que ele era sempre o centro das atenções onde quer que fosse, era um tirano, capaz de verter lágrimas copiosas se quisesse, e que preferia a companhia dos netos que tinham o seu nome. Entre amigos e conhecidos, diria mesmo em toda a comunidade, era apreciado pela sua bela voz, a que principalmente as mulheres sucumbiam. Quando recebia convites, não levava a avó, incomodavam-no a estupidez dela e os seus queixumes permanentes. Era logo rodeado por um grande círculo, contava histórias nas quais representava vários papéis, e em ocasiões especiais cedia aos pedidos para que cantasse.

Além da avó Canetti, havia ainda muita coisa em Ruse que era turca. A primeira cantiga infantil que aprendi, «Manzanicas coloradas, las que vien en de Stambol» – «Maçãzinhas

vermelhas, as que vêm de Istambul», terminava justamente com o nome da cidade de Istambul, da qual eu ouvia dizer que era enorme, e rapidamente a associei aos turcos que se viam entre nós. Falava-se com frequência de «Edirne» – assim se chamava a cidade de Adrianópolis em turco – de onde eram ambos os avós Canetti. O avô Canetti cantava canções turcas que nunca mais acabavam, nas quais algumas notas agudas se prolongavam durante muitíssimo tempo; eu gostava muito mais das canções espanholas, irrequietas e cheias de vida.

Os turcos ricos moravam perto de nós, as casas reconheciam-se pelas grades estreitas que tinham diante das janelas e que serviam para vigiar as mulheres. O primeiro assassinato de que ouvi falar foi cometido por um turco, movido por ciúmes. A caminho do avô Arditti, eu e a mãe passámos por uma casa dessas, e ela mostrou-me uma grade lá no alto e disse-me que, lá de cima, uma turca tinha olhado para um búlgaro que ia a passar. Então o turco, marido dela, tinha aparecido e tinha-a matado à facada. Não me parece que antes disso eu soubesse exactamente o que é um morto. Mas nesse passeio, pela mão da mãe, fiquei a saber. Perguntei-lhe se a mulher turca, que tinha sido encontrada no chão numa poça de sangue, não se tinha levantado outra vez. «Nem pensar!», disse ela. «Nem pensar! Estava morta, percebes?» Eu ouvir, ouvia, mas não percebia e perguntei outra vez. Assim, obriguei-a a repetir a resposta uma data de vezes, até que ela perdeu a paciência e mudou de assunto. Não era só a morta na poça de sangue o que me impressionava nesta história, mas também os ciúmes do homem, que o tinham levado a cometer este crime. Havia qualquer coisa nele que me agradava e, por mais que afastasse a ideia de a mulher estar definitivamente morta, aqueles ciúmes entraram por mim dentro sem encontrar resistência.

Senti-os dentro de mim no fim deste passeio, quando chegámos a casa do avô Arditti. Uma vez por semana, todos os sábados, íamos visitá-lo. Vivia numa casa espaçosa, avermelhada. Por um portão do lado esquerdo da casa entrava-se para o velho jardim, que era muito mais bonito do que o nosso. Lá havia uma amoreira enorme, com ramos baixos, aos quais era fácil trepar. Eu ainda não tinha autorização para subir, mas

a mãe nunca passava por lá sem me mostrar um ramo lá em cima, o esconderijo dela, onde costumava sentar-se em pequena, quando queria ler sem ser incomodada. Encolhia-se toda lá em cima com o livro e ficava calada que nem um rato, e fazia isso tão bem que de baixo não a viam, e não ouvia quando a chamavam, porque estava entusiasmada com o livro, tinha lido lá em cima todos os seus livros. Não muito longe da amoreira havia uns degraus que subiam até à casa; as salas ficavam mais altas do que em nossa casa, mas os corredores ficavam na penumbra. Ali atravessávamos muitos compartimentos até chegar ao último, onde estava o avô, sentado numa cadeira de encosto, um homem pequeno, pálido, sempre muito agasalhado com cachecóis e mantas, era uma pessoa doente.

«Li beso las manos, Señor Padre!» – «Beijo-lhe as mãos, meu pai!», dizia a mãe. Então empurrava-me para diante, eu não queria nada e era obrigado a beijar-lhe a mão. Ele não era nem engraçado nem irascível nem delicado nem severo como o outro avô de quem eu tinha o nome, estava sempre sentado na sua cadeira de encosto e não se mexia, não me dirigia a palavra, não me dava prendas e só trocava meia dúzia de frases com a mãe. Então, no fim da visita, que eu detestava, era sempre a mesma coisa. Olhava para mim com um sorriso manhoso e perguntava-me em voz baixa: «De quem gostas mais, do avô Arditti ou do avô Canetti?» Ele sabia a resposta, toda a gente, grandes e pequenos, se encantava com o avô Canetti e dele ninguém gostava. Mas ele queria obrigar-me a dizer a verdade e deixava-me num embaraço aflitivo, no qual ele se comprazia, pois todos os sábados o repetia. Primeiro eu não dizia nada, olhava desamparado para ele, ele fazia a pergunta outra vez, até que eu encontrava forças para mentir e dizia: «Dos dois!» Então ele levantava um dedo em ameaça e exclamava, era a única palavra em voz alta que eu lhe ouvia: «Fálsu!» – «Mentiroso!», carregava o acento tónico no «a», a palavra soava ameaçadora e plangente ao mesmo tempo, ainda me soa no ouvido como se o tivesse visitado ontem.

À saída, ao passar pelas várias salas e corredores, sentia-me culpado por ter mentido e ficava muito deprimido; a mãe, embora inabalável no seu apego à família e incapaz de abdicar desta

visita ritual ao pai, talvez se sentisse um pouco culpada por me expor permanentemente a esta acusação, que dizia, no fundo, respeito ao outro avô, mas que era a mim que atingia. Levava-me, para me consolar, ao «bagtsché», o pomar e roseiral por trás da casa. Ali mostrava-me todas as flores preferidas do seu tempo de menina, aspirava-lhes o perfume, tinha as narinas largas e as asas do nariz tremiam-lhe sempre. Pegava em mim para eu poder também cheirar as rosas e, se já houvesse alguma madura, apanhava fruta para mim, coisa que o avô não podia saber, pois era o sabat. Era o jardim mais maravilhoso de que me recordo: e o facto de o avô não poder saber nada da fruta do sabat, e de a mãe fazer por amor uma coisa que não era permitida, deve ter-me tirado o sentimento de culpa, pois no caminho para casa já estava todo bem-disposto e a fazer perguntas outra vez.

Em casa soube pela prima Laurica que o avô tinha ciúmes de que todos os netos gostassem mais do outro avô do que dele, e, como um grande segredo, confiou-me a razão desse facto: era «mizquin», somítico, mas isso eu não podia dizer à minha mãe.

Purim O Cometa

A festa que nós, crianças, sentíamos com mais força, embora, pequeninos, ainda não participássemos verdadeiramente nela, era a festa do Purim. Era uma celebração de alegria, em memória da salvação dos judeus de Hamán, o feroz perseguidor. Hamán era uma figura bem conhecida e o seu nome tinha entrado na linguagem coloquial. Antes de vir a saber que era um homem que tinha existido e tramado coisas horríveis, já conhecia o nome dele como insulto. Quando eu massacrava os adultos com perguntas a mais, ou não queria ir para a cama, ou então não fazia qualquer coisa que queriam que eu fizesse, lá vinha o brado seco: «Hamán!» Nessa altura sabia que já não estavam a achar graça, que eu tinha brincado o que tinha a brincar. «Hamán» era a última palavra, um brado seco, mas também um insulto. Fiquei espantado quando mais tarde me explicaram que

Hamán tinha sido um homem mau que queria matar os judeus todos. Mas tinha falhado graças a Mordechai e à rainha Ester, e de alegria os judeus festejavam o Purim.

Os adultos mascaravam-se e saíam, ouvia-se barulho na rua, apareciam disfarçados em casa, eu não sabia quem eles eram, era como um conto de fadas. À noite os pais ficavam na rua; a excitação geral contagiava as crianças, eu ficava acordado na cama, à escuta. Muitas vezes os pais apareciam mascarados e então desmascaravam-se, essa parte era muito engraçada, mas eu gostava ainda mais de não saber quem eles eram.

Uma noite em que, apesar de tudo, eu tinha acabado por adormecer, fui acordado por um lobo monstruoso, debruçado sobre a minha cama. Pendia-lhe da boca uma língua vermelha, comprida, e bufava de uma maneira horrível. Eu gritei com todas as minhas forças: «Um lobo! Um lobo!» Ninguém me ouvia, não aparecia ninguém; eu gritava cada vez mais alto e chorava em desespero. Então surgiu uma mão que agarrou as orelhas do lobo e lhe puxou a cabeça. Por trás estava o meu pai a rir-se. Eu continuei a gritar. «Um lobo! Um lobo!» Queria que o pai o expulsasse. Ele mostrou-me a máscara do lobo que tinha na mão, eu não acreditei nele, ele bem podia continuar a dizer: «Não estás a ver que era eu, não era nenhum lobo a sério», que não havia nada que me acalmasse e eu continuava a soluçar e a gritar.

Então a história do lobisomem sempre era verdade. O pai não devia saber o que as rapariguitas me contavam quando nos amontoávamos sozinhos no escuro. A mãe recriminou-se pelas histórias do trenó, mas repreendeu o pai pelo seu gosto incorrigível pelas mascaradas. Não havia nada que ele gostasse mais de fazer do que representar. Quando andava na escola em Viena só tinha um desejo, o de se tornar actor. Mas em Ruse enfiaram-no sem piedade na loja do pai. A verdade é que havia um teatro amador, onde ele representava com a mãe, mas o que era isso comparado com os seus velhos sonhos de Viena? Cortavam-lhe de facto as grillhetas, dizia a mãe, era assim que ele ficava durante o Purim. Então mudava de máscara uma atrás da outra e surpreendia e assustava todos os conhecidos com as aparições mais estranhas.

O susto do lobo ainda durou muito tempo; noite após noite eu tinha pesadelos e acordava frequentemente os pais, em cujo quarto dormia. O pai tentava sossegar-me até eu voltar a adormecer, mas depois o lobo aparecia outra vez em sonhos, não nos livrámos dele tão cedo. Foi desde essa altura que passei a ser considerado uma criança problemática, com uma imaginação que não devia ser estimulada em excesso, e a consequência disto foi que durante muitos meses só me contavam histórias aborrecidas, as quais esqueci completamente.

O acontecimento que se seguiu foi o grande cometa, e como eu desde então nunca pensei numa coisa sem pensar na outra, deve haver entre as duas uma relação. Acho que o aparecimento do cometa me libertou do lobo; o meu medo de criança diluiu-se no terror geral daqueles dias, nunca tinha visto as pessoas em tal excitação como na altura do cometa. Também ocorreram ambos, lobo e cometa, à noite, mais uma razão para os dois se terem unido na minha memória.

Toda a gente falava do cometa antes de eu o ver, e diziam que vinha lá o fim do mundo. Isso a mim não me dizia nada, mas notava perfeitamente que as pessoas estavam diferentes, começavam a falar baixinho quando eu aparecia e olhavam-me com comiseração. As raparigas búlgaras não falavam baixinho, diziam tudo alto, e foi por elas que fiquei a saber, no seu modo rude, que o fim do mundo tinha chegado. Era a crença generalizada na cidade e já devia durar há uns tempos, pois estava a afectar-me profundamente, sem que eu sentisse medo de nada de concreto. Até que ponto os meus pais, que eram pessoas cultas, estavam contagiados por essa ideia, não consigo dizer. Mas estou certo de que não contrariavam a crença generalizada, caso contrário, e dado a experiência anterior, teriam feito alguma coisa para me esclarecer e não o fizeram.

Uma noite disse-se que o cometa vinha lá e que ia cair em cima da terra. Não me mandaram para a cama, ouvi alguém dizer que isso não fazia sentido, que os miúdos também deviam ir para o jardim. Já havia muita gente no pátio grande do jardim, nunca tinha visto tanta gente, também lá estavam as crianças todas da nossa casa e das casas vizinhas, e todos, tanto

adultos como crianças, olhavam fixamente para cima para o céu, onde estava o cometa, enorme e a brilhar. Estou a vê-lo a cobrir metade do céu. Sinto no pescoço a tensão com que tento segui-lo em toda a sua extensão. Se calhar ele cresceu na minha memória, se calhar não ocupava metade, mas sim uma parte mais pequena do céu. Tenho de deixar para outros, que fossem na altura crescidos e não estivessem atemorizados, a decisão sobre este assunto. Mas havia uma grande claridade, quase como de dia, e eu sabia perfeitamente que devia ser de noite, porque era a primeira vez que a esta hora não me tinham metido na cama e isso para mim é que era o verdadeiro acontecimento. Toda a gente estava no jardim, olhava para o céu e esperava. Os adultos mal saíam do sítio, havia um sossego estranho, só se falava baixinho, os primeiros a mexer-se foram as crianças, com quem ninguém se preocupava. Nesta expectativa eu sentia também um pouco do medo que havia em todos, pois para mo tirar alguém me deu um pé de cerejas. Eu estava com uma cereja na boca e com a cabeça esticada para o alto a tentar seguir o enorme cometa com o olhar, e devido a esta tensão, e provavelmente também à beleza maravilhosa do cometa, esqueci-me da cereja e engoli o caroço.

A espera durou imenso tempo, ninguém se cansava e as pessoas continuavam de pé junto umas das outras. Entre elas eu não distingo o pai nem a mãe, não vejo individualmente nenhum daqueles que compunham a minha vida. Só as vejo todas juntas, e se não tivesse mais tarde vindo a usar a palavra com tanta frequência, diria que as vejo como uma massa: uma massa paralisada pela expectativa.

A Língua Mágica O Fogo

A grande limpeza da casa acontecia antes da *Pessach*, a Páscoa. Era tudo voltado de pernas para o ar, nada ficava no mesmo sítio e como a limpeza começava muito cedo e demorava, acho eu, umas duas semanas, aquele era o período de maior desordem. Ninguém tinha tempo para nós, estávamos sempre no caminho

de alguém e sacudiam-nos ou mandavam-nos embora, e mesmo à cozinha, onde se preparavam as coisas mais interessantes, só nos permitiam dar uma olhadela. Do que eu gostava mais era dos ovos castanhos, cozidos em café durante dias e dias.

Para a noite de *Seder* punham uma mesa grande na sala de estar e arranjavam-na; e se calhar era para esta ocasião que a sala de estar tinha sido construída assim tão grande, pois a mesa tinha lugar para muitíssimos convidados. Juntava-se a família toda para a noite de *Seder*, que se festejava em nossa casa. Era tradição ir à rua buscar duas ou três pessoas estranhas, que eram convidadas para se sentar à mesa e participar em tudo.

À cabeceira ficava sentado o avô, que lia a *Haggadah*, a história do êxodo dos judeus do Egito. Era o seu momento de maior orgulho: não só porque presidia aos seus filhos e genros, que lhe prestavam honras e que obedeciam a todas as suas indicações, mas também porque ele, o mais velho, com a sua cabeça cortante de ave de rapina, era também o mais fogoso de todos. Nada lhe escapava, enquanto lia a ladainha reparava no menor movimento, no mínimo caso passado à mesa e, com um olhar ou um ligeiro movimento da mão, logo repunha a ordem. Tudo era extremamente caloroso e acolhedor, a atmosfera de uma narrativa antiquíssima, onde tudo estava preparado ao pormenor e tinha o seu lugar. Nas noites de *Seder* eu admirava imenso o avô; e até os filhos dele, para quem a vida com o pai não era fácil, pareciam serenos e alegres.

Como era o mais novo, eu tinha a minha própria função, nada desprezável; tinha de declamar a «*Ma-nishtanah*». O relato do êxodo do Egito faz-se a partir da pergunta acerca do motivo da celebração. O mais novo dos presentes pergunta logo no início o que significam todos aqueles preparativos: o pão ázimo, as ervas amargas e as outras coisas inusitadas sobre a mesa. O narrador, neste caso o avô, responde à pergunta do mais novo com a história pormenorizada do êxodo do Egito. Sem a minha pergunta, que eu dizia de cor, enquanto segurava o livro na mão e fazia de conta que estava a ler, a narração não podia começar. Conhecia-lhe todos os pormenores, já mos tinham explicado muitas vezes, mas durante o tempo todo que durava a leitura não conseguia libertar-me da sensação de que o avô

estava a responder à minha pergunta. Deste modo também era para mim uma noite em grande, sentia-me importante, direi mesmo indispensável, era uma sorte não haver nenhum primo mais novo que me arrebatasse este papel.

Mas embora estivesse atento a cada palavra e a cada movimento do avô, durante a leitura eu já me alegrava com a perspectiva do seu fim. Pois era então que vinha o melhor: os homens levantavam-se todos de repente e davam umas voltas a dançar e enquanto dançavam, cantavam juntos «Had gadja, had gadja» — «Um cordeirinho, um cordeirinho». Era uma canção alegre e eu conhecia-a perfeitamente, mas fazia parte da tradição que um tio me fizesse sinal, assim que ela acabasse, e me traduzisse linha por linha para espanhol.

Quando o pai chegava a casa da loja, ia logo falar com a mãe. Amavam-se muito nessa altura e usavam uma linguagem própria entre os dois que eu não percebia; falavam alemão, a língua do seu tempo feliz de estudantes em Viena. Do que gostavam mais era de falar do Burgtheater, onde, antes mesmo de se conhecerem, tinham ambos visto as mesmas peças e os mesmos actores, que nunca se cansavam de recordar. Vim mais tarde a saber que tinha sido em conversas dessas que se tinham apaixonado um pelo outro, e embora nenhum deles tivesse tido condições para perseguir sozinho o sonho do teatro — ambos teriam gostado de ser actores toda a vida — conseguiram juntos impor o seu desejo de casar, contra o qual houvera muita oposição.

O avô Arditti, de uma das famílias sefarditas mais antigas e mais ricas da Bulgária, opunha-se ao casamento da filha mais nova, que era a sua preferida, com o filho de um arrivista de Adrianópolis. O avô Canetti tinha singrado pelo seu próprio esforço; de órfão desapossado, que fora posto na rua ainda novo, conseguira mesmo chegar a rico, mas aos olhos do outro avô continuava a ser um hipócrita e um mentiroso. «Es mentiroso» — «É um mentiroso», ouvi eu uma vez da boca dele, quando ele não sabia que eu estava a ouvir. O avô Canetti, no entanto, troçava do desprezo dos Arditti, que o olhavam de alto. O seu filho podia casar com qualquer rapariga que quisesse e parecia-lhe uma

humilhação desnecessária que ele escolhesse casar precisamente com a filha desses Arditti. Assim os meus pais mantiveram de início a sua ligação em segredo e só a pouco e pouco, com grande persistência e com a ajuda das irmãs mais velhas e de familiares bem-intencionados, conseguiram realizar o seu desejo. Os dois velhos acabaram por ceder, mas manteve-se sempre alguma tensão entre eles e não se suportavam. Durante o seu período clandestino, os dois jovens alimentaram incessantemente o seu amor com conversas em alemão, e sabe-se lá quantos amantes do palco não desempenharam assim o seu papel.

Eu tinha, portanto, uma boa razão para me sentir excluído quando os pais começavam com as suas conversas. Ficavam extremamente animados e bem-dispostos, e eu associava essa transformação, que notava perfeitamente, ao som da língua alemã. Punha-me a ouvi-los com a máxima atenção e depois perguntava-lhes o que queria dizer isto ou aquilo. Eles riam-se e diziam que era muito cedo para mim, eram coisas que eu só depois poderia perceber. Já era muito desvendarem-me a palavra «Viena», a única. Eu achava que seriam coisas maravilhosas, que só nessa língua se podiam dizer. Depois de suplicar em vão durante muito tempo, afastava-me, furioso, para outro quarto, que raras vezes se utilizava, e dizia alto as frases que lhes tinha ouvido, com a entoação exacta, como fórmulas mágicas; ensaiava-as muitas vezes, e mal me apanhava sozinho, deitava cá para fora todas as frases e também palavras isoladas que tinha aprendido, umas atrás das outras, tão depressa que ninguém me teria percebido. Mas tinha muito cuidado para que os meus pais não me ouvissem, e respondia ao segredo deles com o meu.

Descobri que o pai tinha um nome para a mãe que só usava quando falavam alemão. Ela chamava-se Mathilde, ele chamava-lhe Mädi. Uma vez, estava eu no jardim, disfarcei a minha voz o melhor que consegui e pus-me a chamar para dentro de casa: «Mädi! Mädi!» Era assim que o pai a chamava do pátio do jardim quando chegava a casa. A seguir dei a volta à casa a correr e reapareci passado um bocado com um ar inocente. A mãe lá estava, desorientada, e perguntou-me se eu tinha visto o pai. Foi para mim um triunfo que ela tivesse confundido a minha voz com a do pai, e eu tive forças para guardar segredo

quando ela lhe descreveu aquele acontecimento incompreensível mal ele chegou a casa.

Não lhes passou pela cabeça suspeitar de mim, mas de todos os meus desejos mais prementes dessa altura, o maior era perceber a língua secreta deles. Não sei explicar porque não guardei qualquer rancor ao meu pai por causa disso. Mas contra a minha mãe alimentei um rancor bem grande, que só me passou quando ela própria, anos mais tarde, depois da morte dele, me ensinou alemão.

Um dia o pátio do jardim encheu-se de fumo; algumas das raparigas precipitaram-se para a rua e regressaram de imediato, nervosas, com a notícia de que uma das casas da vizinhança estava a arder. Estava já toda em chamas, ia abater com o fogo. De imediato se esvaziaram as três casas à volta do nosso pátio e, com a excepção da avó, que nunca se levantava do seu sofá, todos os moradores correram em direcção ao fogo. Aconteceu tudo tão rapidamente que se esqueceram de mim. Fiquei um pouco aflito assim sozinho, também queria ir – talvez para o fogo, se calhar mais ainda na direcção em que via toda a gente a correr. Por isso corri através do portão aberto para a rua, que me era proibida, e cheguei à corrente célere das pessoas. Por sorte vi logo duas das nossas raparigas mais velhas, e como elas por nada deste mundo iriam alterar a direcção em que iam, levaram-me no meio delas e arrastavam-me enquanto corriam. Pararam a uma certa distância do fogo, provavelmente para não me porem em perigo, e ali vi pela primeira vez uma casa a arder. Já tinha vindo muita coisa abaixo; as traves abatiam e voavam faíscas. Era o fim da tarde, ia aos poucos ficando escuro e o fogo tinha um brilho cada vez mais intenso. Mas o que me impressionou muito mais do que a casa a arder eram as pessoas que por lá andavam. De onde eu estava pareciam pequenas e negras; eram imensas e corriam todas numa grande confusão. Havia muitas que se deixavam estar na proximidade da casa, outras afastavam-se dela com coisas às costas. «Gatunos!», disseram as raparigas, «são gatunos! Estão a roubar coisas da casa, antes que alguém os apanhe!» Estavam tão entusiasmadas com isto como com

o fogo e, como não paravam de gritar «Gatunos!», a excitação delas contagiou-me. As pequenas figuras negras eram incansáveis, moviam-se, encurvadas, em todas as direcções. Muitas tinham trouxas sobre os ombros, outras avançavam curvadas sob o peso de objectos esquinados, que não eu conseguia distinguir, e sempre que eu perguntava o que transportavam, as raparigas só sabiam repetir: «Gatunos! São gatunos!»

Esta cena, que para mim se tornou inesquecível, surgiu-me mais tarde nos quadros de um pintor, de tal modo que não me foi possível dizer o que pertencia à original e o que foi acrescentado a partir deles. Tinha eu dezanove anos quando dei por mim em Viena perante os quadros de Brueghel. Reconheci imediatamente as pessoas pequeninas daquele fogo da minha infância. As imagens eram-me tão familiares como se toda a vida me tivesse movido no meio delas. Sentia por elas uma poderosa atracção e ia lá todos os dias. A parte da minha vida que começou com aquele fogo continuava directamente nestas imagens, como se não tivesse havido esses quinze anos entre elas. Brueghel passou a ser para mim o pintor mais importante, mas não cheguei a ele, como a muitos outros, pela contemplação ou pela reflexão. Encontrei-o previamente em mim, como se ele já há muito, na certeza de que eu acabaria por ir ter com ele, tivesse ficado à minha espera.

Víboras do Prado e Letras

Uma recordação antiga passa-se na borda de um lago. Vejo o lago, que é vasto, vejo-o por entre lágrimas. Estamos junto de um barco, na margem, os pais e uma rapariga que me segura pela mão. Os pais dizem que querem ir passear de barco. Eu tento libertar-me para trepar para o barco, quero ir com eles, quero ir com eles, mas os pais dizem que não me deixam, tenho de ficar com a rapariga que está a segurar-me pela mão. Eu choro, eles falam comigo, eu continuo sempre a chorar. Isto leva tempo, eles não cedem, eu mordo a rapariga, que não me larga, na mão. Os pais zangam-se comigo e deixam-me ficar com ela, agora de castigo. Desaparecem dentro do barco, eu grito por eles com todas as

minhas forças, agora eles já vão lá longe, o lago torna-se cada vez maior, tudo desaparece a nadar em lágrimas.

Era o lago Wörther, na Áustria; eu tinha três anos, foi-me dito muito mais tarde. De Kronstadt, em Siebenbürgen, onde passámos o Verão seguinte, vejo bosques e uma colina, sobre a qual se ergue um castelo, muitas casas na encosta; eu próprio não surjo nesta imagem, mas na memória ficaram-me histórias de cobras que o pai me contou na altura. Antes de vir para Viena, ele tinha estado num colégio interno em Kronstadt. Nessa zona havia muitas cobras, e os camponeses queriam ver-se livres delas. Os rapazes aprenderam a caçá-las, e recebiam dois cruzados por cada saco com víboras mortas. O pai mostrou-me como se segura uma víbora, mesmo por trás da cabeça, para elas não nos poderem fazer nada, e como se matam com uma pancada. Era fácil, dizia ele, quando uma pessoa percebe como se faz, e nada perigoso. Eu admirava-o muito e queria saber se, mesmo dentro do saco, elas estavam realmente mortas. Tinha medo de que estivessem a fingir-se de mortas e saltassem de repente para fora do saco. Mas o nó estava bem apertado, dizia ele, e tinham mesmo de estar mortas, ou não se recebia os dois cruzados. Eu não acreditava que uma coisa pudesse estar realmente morta.

Assim passámos, três anos seguidos, as férias de Verão em lugares da velha monarquia austro-húngara: Karlsbad, lago Wörther e Kronstadt. Se estes três pontos, bem distantes uns dos outros, fossem unidos num triângulo, este conteria uma boa parte da velha monarquia.

Muito se poderia dizer sobre a influência da Áustria em nós, já no tempo em que morávamos em Ruse. Não só porque os meus pais tinham andado ambos na escola em Viena, não só por falarem alemão entre si: o pai lia diariamente o *Neue Freie Presse* [*Nova Imprensa Livre*], e era um momento solene quando ele o abria devagar. Assim que começava a ler, deixava de ter olhos para mim, já sabia que não respondia a nada, a mãe também não lhe perguntava nada nessa altura, nem sequer em alemão. Eu tentava descortinar o que o prendia dessa maneira ao jornal, a princípio pensei que era o cheiro, e quando fiquei sozinho e não havia ninguém a olhar para mim, trepei para cima de uma cadeira e pus-me a cheirar o jornal com avidez.

Mas depois pus-me a observar a maneira como ele movia a cabeça ao longo da página e comecei a imitá-lo, sem ter diante dos olhos a folha que ele segurava à mesa com as duas mãos enquanto eu brincava no chão por trás dele. Uma vez entrou uma visita e, quando esta se dirigiu ao meu pai, ele virou-se e apanhou-me nos meus movimentos fantasiosos de leitura. Então, ainda antes de atender o visitante, falou comigo e explicou-me que tinha a ver com as letras, muitas letras pequeninas, onde ele batia com o dedo. Muito em breve também eu iria aprendê-las, disse ele, e despertou em mim uma insaciável ânsia de letras.

Eu sabia que o jornal vinha de Viena, que era muito longe, andava-se quatro dias no Danúbio. As pessoas falavam com frequência de familiares que iam a Viena consultar médicos famosos. Os nomes dos grandes especialistas desse tempo foram as maiores celebridades de que ouvi falar em criança. Quando vim mais tarde a Viena, fiquei admirado por ver que todos esses nomes – Lorenz, Schlesinger, Schnitzler, Neumann, Hajek, Halban – existiam de facto como pessoas. Nunca tinha tentado imaginá-los em carne e osso; era das suas palavras que eles eram feitos, e estas tinham tanto peso, a viagem até eles levava tanto tempo, as alterações que as suas palavras provocavam nas pessoas das nossas relações traziam tantas mudanças que eles adquiriram algo de espíritos de quem se tem medo e a quem se pede ajuda. Quando uma pessoa regressava de os visitar, só podia comer certas coisas e outras eram-lhe proibidas. Eu imaginava-os a falar uma língua própria, que ninguém percebia e que se era obrigado a adivinhar. Não me passou pela cabeça que se tratasse da mesma língua que eu ouvia aos pais e que em segredo, sem a perceber, praticava comigo mesmo.

Conversava-se muitas vezes sobre línguas; só na nossa cidade falavam-se sete ou oito, toda a gente percebia um pouco de todas, só as rapariguitas que vinham das aldeias falavam unicamente búlgaro e por isso passavam por estúpidas. Cada um contava as línguas que sabia, e era importante dominar muitas, através do seu conhecimento podia salvar-se a própria vida ou a dos outros.

Antigamente os comerciantes, quando iam de viagem, traziam o dinheiro todo em bolsas presas à volta do corpo. Viajavam assim nos vapores do Danúbio, e isso era perigoso. O avô da

minha mãe, quando se estava a estender para dormir no convés, ouviu dois homens a combinar em grego um homicídio. Tinham tenções de, logo que o navio chegasse perto da próxima cidade, atacar um comerciante na cabine dele e matá-lo, roubar-lhe a pesada bolsa do dinheiro, atirar o cadáver ao Danúbio pela janela da cabine e depois, quando o navio atracasse, abandonar imediatamente o barco. O meu bisavô foi ter com o capitão e contou-lhe o que tinha ouvido dizer em grego. O comerciante foi avisado, um homem da tripulação escondeu-se na cabine, postaram-se outros cá fora, e quando os dois assassinos iam pôr o seu plano em prática, foram apanhados, e no porto, onde eles tinham intenção de deitar a fugir com o saque, foram entregues, acorrentados, à polícia. Isto aconteceu assim pelo facto de haver uma pessoa que por acaso percebia grego, e contavam-se muitas outras histórias edificantes sobre o conhecimento dos idiomas.

A Tentativa de Homicídio

A Laurica, a minha prima, e eu éramos companheiros de brincadeira inseparáveis. Ela era a filha mais nova da tia Sophie, que morava na casa pegada à nossa, mas era quatro anos mais velha do que eu. O pátio do jardim era o nosso território. A Laurica estava encarregada de não me deixar ir para a rua, mas o pátio era grande, e eu podia ir para todo o lado, só não me deixavam trepar para a borda do poço, no qual uma vez uma criança caíra e se afogara. Tínhamos muitos jogos e dávamo-nos bem, era como se não existisse entre nós nenhuma diferença de idades. Tínhamos esconderijos comuns, que não revelávamos a ninguém e onde guardávamos pequenos tesouros, e o que era de um era dos dois. Quando eu recebia um presente, pegava nele e largava logo a correr, dizendo: «Tenho de o ir mostrar à Laurica!» A seguir deliberávamos sobre qual o esconderijo para onde ele ia, e nunca discutíamos. Eu fazia o que ela queria, ela fazia o que eu queria, gostávamos um do outro assim, por querermos sempre as mesmas coisas. Eu não lhe fazia sentir que ela não passava de uma menina, e além do mais a filha mais nova. Desde o nascimento

do meu irmão, e desde que usava calças, eu estava muito ciente da minha dignidade de irmão mais velho. Isto provavelmente ajudou a esbater a diferença de idades entre nós.

A certa altura a Laurica foi para a escola e deixou de vir da parte da manhã. Fazia-me muita falta. Eu brincava sozinho e esperava por ela, e quando ela vinha para casa apanhava-a logo junto do portão e fazia-lhe perguntas sobre o que tinha feito na escola. Ela contava-me, eu punha-me a imaginar e ansiava por ir para a escola para estar perto dela. Passado algum tempo apareceu com um caderno de linhas, estava a aprender a ler e a escrever. Abriu-o com um ar solene diante dos meus olhos, tinha lá dentro letras a tinta azul, que me fascinaram mais do que qualquer coisa que eu tivesse visto até então. Mas quando quis tocar-lhe, ela ficou de repente muito séria. Disse que eu não podia, só ela é que podia, estava proibida de largar o caderno. Fiquei profundamente magoado com esta primeira recusa. Mas tudo o que consegui dela, com ternas súplicas, foi poder apontar com o dedo para as letras, sem lhes tocar, enquanto lhe perguntava o que queriam dizer. Desta vez ainda me respondeu e deu-me a informação, mas eu reparei que ela estava insegura e se contradizia, e como estava ofendido com a história da recusa do caderno, disse-lhe: «Tu não sabes! És má aluna!»

Daí em diante ela manteve sempre os cadernos à distância. Em breve passou a ter muitos, eu tinha inveja dela por causa destes cadernos; ela bem o sabia, e começou um jogo terrível. Ela mudou muito em relação a mim, e fez-me sentir pequenino. Dia após dia me fazia implorar pelos cadernos, dia após dia mos recusava. Sabia fazer-me esperar e prolongava o tormento. Não me admira que tenha terminado em desgraça, embora ninguém pudesse prever como seria.

No dia que nunca ninguém da família conseguiu esquecer, eu estava como de costume junto ao portão à espera dela. «Deixa-me ver as letras», supliquei mal ela apareceu. Ela não disse nada, eu já sabia que ia começar tudo outra vez, e nesse momento ninguém teria conseguido separar-nos. Ela pousou a pasta, tirou os cadernos devagar, folheou-os devagar e então, como um relâmpago, passou-os diante do meu nariz. Eu deitei a mão para os agarrar, ela puxou-os para trás e fugiu a correr.

De longe mostrou-me um caderno aberto e gritou: «És um miúdo! És um miúdo! Ainda não sabes ler!»

Tentei apanhá-la, persegui-a por toda a parte, supliquei pelos cadernos. Às vezes deixava-me chegar tão perto que eu já julgava que ia deitar as mãos aos cadernos, mas fugia no último instante. Com uma manobra hábil consegui encurralá-la junto a um muro não muito alto, de onde ela já não conseguia escapar. Agora estava à minha mercê e eu pus-me a gritar, excitadíssimo: «Dá-mos cá! Dá-mos cá! Dá-mos cá!», referindo-me aos cadernos e às letras, que eram para mim a mesma coisa. Ela ergueu os braços com os cadernos sobre a cabeça, era muito mais alta do que eu, e pousou-os em cima do muro. Eu não conseguia lá chegar, era muito baixinho, saltava e tornava a saltar e ofegava, era em vão; ela estava ao meu lado a rir-se de troça. De repente deixei-a ali e fiz o longo caminho à volta da casa até ao pátio da cozinha, para ir buscar o machado do arménio, com o qual fazia tenções de a matar.

Lá estava a lenha rachada, empilhada, o machado estava pousado ao lado, o arménio não estava lá, levantei o machado bem alto e, segurando-o a direito à minha frente, marchei todo o caminho de volta ao pátio do jardim, com uma canção de matança nos lábios, que repetia sem parar: «Agora vo matar a Laurica! Agora vo matar a Laurica!» – «Agora vou matar a Laurica! Agora vou matar a Laurica!»

Quando ela me viu a segurar o machado com as duas mãos, fugiu a correr aos guinchos. Guinchava tão alto como se eu já a tivesse atacado e atingido. Guinchava sem parar, e abafava sem esforço o meu grito de guerra, que eu repetia incessantemente, decidido, mas não muito alto: «Agora vo matar a Laurica!»

O avô precipitou-se para fora de casa armado com a bengala; correu até mim, arrancou-me o machado da mão e largou-me um berro numa fúria. Então as três casas à volta do pátio ganharam vida, de todas elas saíam pessoas; o pai andava em viagem mas a mãe estava presente, reuniram-se num conselho de família e deliberaram sobre a criança assassina. Eu bem podia repetir que a Laurica me tinha atormentado até me pôr fora de mim, que eu com cinco anos tivesse pegado num machado para a matar era incompreensível, até o simples facto de eu ter sido capaz

de carregar o pesado machado. Acho que perceberam o quanto a escrita significava para mim, eram judeus, e a «escrita» significava muito para todos eles, mas tinha de haver algo de muito mau e perigoso dentro de mim para poder levar-me a querer assassinar a minha companheira de brincadeiras.

Fui severamente castigado, mas a mãe, que ficara também muito assustada, acabou por me consolar e disse: «Vais já aprender a ler e a escrever. Não vais ter de esperar até ires para a escola. Vais ter autorização para aprender mais cedo.»

Não houve ninguém que percebesse a relação entre a minha tentativa de assassinato e o destino do arménio. Eu amava-o, tal como às suas canções e às suas palavras tristes. Amava o machado com que ele rachava a lenha.

Uma Maldição Sobre a Viagem

A relação com a Laurica não se quebrou completamente. Ela desconfiava de mim e evitava-me quando regressava da escola, e tinha sempre o cuidado de não abrir a mala da escola à minha frente. Eu já não tinha interesse absolutamente nenhum na escrita dela. Depois da tentativa de homicídio, tinha ficado perfeitamente convencido de que ela era má aluna e que tinha vergonha de me deixar ver as letras que tinha feito mal. Se calhar esta era a única maneira que eu tinha de preservar o meu orgulho.

Ela arranjou uma maneira terrível de se vingar de mim, que já nessa altura e depois mais tarde veio a negar com obstinação. O único desconto que lhe posso dar é que provavelmente não tinha a noção do que fizera.

A maior parte da água que se utilizava nas casas era trazida do Danúbio em pipas gigantescas. Havia uma mula que puxava a pipa, que vinha encaixada numa carroça especial, e um «aguadeiro», que ao fim e ao cabo não trazia água nenhuma, caminhava ao lado dela com um chicote. A água, vendida ao portão por uma módica quantia, era descarregada e levada para dentro em grandes caldeiras, onde era fervida. As caldeiras com a água a ferver eram postas em frente à casa, num terraço sobre o comprido, onde ficavam o devido tempo a arrefecer.

A Laurica e eu já nos tínhamos reconciliado, pelo menos o suficiente para jogarmos por vezes à apanhada um com o outro. De uma das vezes, nós andávamos a correr para cá e para lá no meio das caldeiras, demasiado perto, e quando a Laurica me apanhou, mesmo à beira de uma delas, deu-me um empurrão e eu caí dentro da água a ferver. Queimei-me no corpo todo, excepto a cabeça. A tia Sophie, que ouviu a gritaria horrível, tirou-me cá para fora e puxou-me a roupa para baixo, a pele veio toda agarrada, receou-se pela minha vida, e eu fiquei várias semanas de cama, com dores terríveis.

O pai estava nessa altura na Inglaterra e isso foi o pior de tudo. Eu achava mesmo que ia morrer e gritava por ele, choringava que nunca mais o ia ver, e isso era para mim mais terrível do que as dores. Delas não tenho recordação nenhuma, já não as sinto, mas a saudade desesperada do meu pai, essa ainda a sinto. Estava convencido de que ele não sabia o que me tinha acontecido e berrava quando me diziam o contrário. «Porque é que ele não vem? Porque é que ele não vem? Quero vê-lo!» Provavelmente hesitaram mesmo em contar-lhe, pois ele tinha chegado há poucos dias a Manchester, onde tinha ido para preparar a nossa mudança, provavelmente achavam que a minha condição iria melhorar por si e ele não seria obrigado a vir logo. Mas mesmo que lhe tivessem dito de imediato, e ele tivesse iniciado sem hesitar o caminho de volta, a viagem era longa e ele não poderia chegar logo. Consolavam-me dia após dia, dizendo que esperasse, e quando a minha situação se agravou, faziam-no de hora a hora. Certa noite em que acharam que eu finalmente adormecera, saltei da cama e arranquei tudo o que tinha no corpo. Em vez de me queixar com dores, pus-me a gritar por ele: «Cuándo viene? Cuándo viene?» – Quando é que ele chega? Quando é que ele chega?» A mãe, o médico, todos os outros que tratavam de mim eram-me indiferentes, não os vejo, não faço ideia do que estavam a fazer, nesses dias devem ter tido muitos e cuidadosos afazeres, mas eu não me apercebia deles, tinha um único pensamento, era mais do que um pensamento, era uma chaga por onde entrava tudo: o pai.

Então ouvi a voz dele; ele aproximou-se de mim por trás, pois eu estava deitado de bruços, chamou baixinho pelo meu

nome, deu a volta à cama, eu vi-o, pousou ao de leve a mão na minha cabeça, era ele, e deixei de ter dores.

Só sei de tudo o que aconteceu a partir desse instante pelo que me contaram. A ferida tornou-se um milagre, começou a sarar; ele prometeu que não se afastaria e ficou comigo durante as semanas seguintes. O médico estava convencido de que sem o seu aparecimento e a sua presença eu teria morrido. Já tinha desistido de mim, mas tinha no regresso do pai a sua única e débil esperança. Era o médico que nos tinha trazido ao mundo aos três, e mais tarde costumava dizer que de todos os nascimentos a que tinha assistido, este renascimento tinha sido o mais difícil.

Alguns meses antes, em Janeiro de 1911, tinha vindo ao mundo o meu irmão mais novo. O parto tinha sido fácil, e a mãe sentiu-se com forças suficientes para ser ela a amamentá-lo. Este nascimento foi completamente diferente do anterior e, se calhar por ter corrido tudo de uma maneira tão simples, dele se fez pouco alarido, e só por muito pouco tempo ocupou o centro das atenções.

Percebi, no entanto, perfeitamente que grandes acontecimentos estavam para vir. As conversas dos pais tinham um outro tom, soavam resolutas e sérias, nem sempre falavam em alemão à minha frente, e referiam-se muitas vezes a Inglaterra. Fiquei a saber que o irmão mais pequeno se ia chamar Georg, como o novo rei de Inglaterra. Agradou-me bastante a ideia, porque era uma coisa inesperada, mas ao avô agradou menos, ele queria um nome bíblico e insistia nisso; ouvi os pais dizer que não iriam ceder, que o filho era deles e iam pôr-lhe o nome que quisessem.

Há algum tempo que se tinha iniciado a revolta contra o avô, mas a escolha deste nome era uma declaração de guerra às claras. Dois irmãos da mãe tinham aberto um negócio em Manchester, que prosperava rapidamente; um deles tinha morrido de repente, o outro propôs ao meu pai vir para Inglaterra como sócio dele. Para os pais era a oportunidade desejada de se libertarem de Ruse, que era demasiado restrita e oriental para eles, e da tirania ainda mais restrita do avô. Disseram imediatamente que sim, mas era mais fácil dizer do que fazer, visto que começou então uma luta azeda

entre eles e o avô, que não queria de modo algum abrir mão de um dos filhos. Eu não conhecia os pormenores dessa luta, que durou meio ano, mas sentia que o ambiente tinha mudado dentro de casa, e especialmente no pátio do jardim, onde os familiares eram forçados a encontrar-se.

O avô deitava-me a mão no pátio sempre que tinha oportunidade, beijava-me e, caso alguém estivesse a ver, chorava lágrimas ardentes. Eu detestava aquela humidade toda na cara, embora ele repetisse constantemente que eu era o seu neto mais querido e que não podia viver sem mim. Os meus pais percebiam muito bem que ele tentava fazer com que eu antipatizasse com Inglaterra, e diziam-me, para o contrariar, como ia ser maravilhoso. «Lá as pessoas são todas honradas», dizia o pai, «quando um homem diz uma coisa, fá-la, e não precisa para isso de andar a apertar a mão a ninguém.» Eu estava, como não podia deixar de ser, do lado dele, nem precisava que ele me promettesse que em Inglaterra eu iria logo para a escola e aprenderia a ler e a escrever.

Com ele, e principalmente com a mãe, o avô tinha um comportamento completamente diferente do que tinha comigo. Considerava-a a principal instigadora do plano de emigração, e quando ela uma vez lhe disse: «Vamos sim senhor! Já não aguentamos mais viver em Ruse! Queremos ambos sair daqui!», virou-lhe as costas e nunca mais falou com ela; ela deixou de existir para ele durante os meses que ainda lá ficámos. O pai, no entanto, que ainda era obrigado a ir para a loja, tornou-se o alvo da sua fúria, que se tornava mais terrível e aumentava de semana para semana. Quando percebeu que não havia nada a fazer, alguns dias antes da partida, amaldiçoou-o solenemente no pátio do jardim, ao filho, perante os familiares presentes, que escutavam, horrorizados. Eu ouvi-os falar entre eles sobre isso: não há nada mais terrível, diziam eles, do que um pai que amaldiçoa o filho.

São poucos os escritores que conseguiram alcançar o patamar de Elias Canetti, autor de uma importante obra que abrange os mais variados géneros e estilos literários — do romance e ensaio de grande fôlego aos cadernos de apontamentos, dos epigramas ao teatro —, e da qual desponta uma das mais originais e perspicazes reflexões sobre a condição humana em sociedade, combinando erudição com fulgor narrativo.

Primeiro dos três volumes que compõem as suas memórias autobiográficas, que se confundem com a atribulada história do século xx, *A Língua Resgatada* oferece ao leitor um retrato do contexto pessoal e do desenvolvimento criativo de Canetti durante os anos cruciais da sua juventude. Da cidade búlgara da infância, verdadeiro cruzamento de povos e culturas, onde o pequeno Canetti toma contacto com mais de seis línguas diferentes, à cosmopolita Manchester ou da imperial Viena à pacata Zurique, são estes os cenários que moldarão o seu crescimento, sempre sob os efeitos da conturbada relação com a mãe, narrados numa prosa íntima, intensa e veloz, que a Academia Sueca não hesitou em considerar «o ponto cimeiro da sua obra».

«Um livro que evoca paixão e poder; repleto de cidades e cenários e pessoas extravagantes — lobos, amantes, lendas, guerra e disputas.»

PAUL THEROUX

«A sua presença rigorosa honra a literatura.»

GEORGE STEINER

ISBN 978-989-623-247-4
9 789896 232474



cavalo de ferro